

A Festa da Lagosta em São Fidélis / RJ: desenvolvimento sociocultural e impactos ambientais

The Lobster Festival in São Fidélis / RJ: sociocultural development and environmental impacts

CLARISSA MENEZES DE SOUZA POUBEL

LEANDRO GARCIA PINHO

CELSO GOMES MAIA JÚNIOR

PEDRO SILVA GOUDARD CRUZ

RESUMO

Este artigo propõe uma análise crítica da tradicional Festa da Lagosta, realizada no município de São Fidélis, no estado do Rio de Janeiro, abordando-a como expressão de pertencimento e construção identitária da comunidade local. A investigação baseia-se na noção de memória e no resguardo afetivo das atuais gerações, conforme os apontamentos de Nora (1993). A pesquisa examina o papel da festividade no desenvolvimento socioeconômico da região, ao mesmo tempo em que problematiza a exploração da lagosta de água doce (*Macrobrachium carcinus*). Com base em uma abordagem qualitativa, conforme delineado por Marconi e Lakatos (2011), o estudo utiliza como fontes: periódicos científicos, reportagens de jornais da época, legislações ambientais e culturais, além de entrevistas com participantes e colaboradores do evento. Os resultados revelam que a Festa da Lagosta constitui um importante símbolo da identidade cultural e da memória coletiva fidelense, mas também está inserida em um contexto de exploração intensiva, que resultou em impactos socioambientais relevantes, como a redução das populações naturais da espécie. Diante desse cenário, ainda que a festividade não ocorra mais, o estudo reitera a urgência de implementação de estratégias sustentáveis que considerem tanto a valorização do patrimônio cultural e das práticas tradicionais quanto à preservação dos recursos naturais utilizados. Cabe ressaltar que este artigo é resultado de pesquisa financiada pelo Projeto de Educação Ambiental (PEA) Pescarte que é uma medida de mitigação exigida pelo Licenciamento Ambiental Federal, conduzido pelo Ibama.

Palavras-chave: Pesca artesanal; Patrimônio cultural; Memória coletiva; *Macrobrachium carcinus*; Festa da Lagosta.

ABSTRACT

This article presents a critical analysis of the traditional Festa da Lagosta (Lobster Festival) held in the municipality of São Fidélis, in the state of Rio de Janeiro, approaching it as an expression of belonging and identity construction within the local community. The research is grounded in the concept of memory and the emotional heritage preserved by current generations, as discussed by Nora (1993). It examines the role of the festival in the region's socioeconomic development while problematizing the exploitation of the freshwater “lobster” (*Macrobrachium carcinus*). Based on a qualitative approach, as outlined by Marconi and Lakatos (2011), the study draws from scientific journals, newspaper articles from the period, environmental and cultural legislation, and interviews with event participants and collaborators. The findings reveal that the festival represents a significant symbol of Fidelense cultural identity and collective memory but is also situated within a context of intensive exploitation, which led to substantial socio-environmental impacts, such as the decline of natural populations of the species. In light of this, even though the festival is no longer held, the study reiterates the urgency of implementing sustainable strategies that simultaneously value cultural heritage and traditional practices, while ensuring the conservation of natural resources. It is worth remembering that this article is the result of research funded by the Pescarte Environmental Education Project (PEA), which is a mitigation measure required by the Federal Environmental Licensing, conducted by Ibama.

Key words: artisanal fishing; cultural heritage; collective memory; *Macrobrachium carcinus*; Lobster Festival.

INTRODUÇÃO

São Fidélis é um município localizado na região norte fluminense do estado do Rio de Janeiro. De acordo com o Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), possui uma população de 38.939 habitantes e fica a uma distância aproximada de 326 (trezentos e vinte e seis) quilômetros da capital do estado, a cidade do Rio de Janeiro. Limita-se com os municípios de Cambuci, Campos dos Goytacazes, Cardoso Moreira, Italva, Itaocara, Santa Maria Madalena e São Sebastião do Alto, conforme o mapa abaixo, que retrata ainda a divisão administrativa municipal por distritos.

Figura 1 – Mapa do município de São Fidélis por distrito



Fonte: www.saofidelisrj.com.br (2024).

O município de São Fidélis destacou-se entre as décadas de 1960, 1970 e 1980 em virtude da expressiva ocorrência de um grande camarão de água doce (*Macrobrachium carcinus*), que se assemelhava a uma lagosta. Essa abundância natural constituiu um importante recurso econômico e cultural para a população local, que passou a explorar a espécie de forma crescente, tanto para consumo quanto para fins comerciais.

A exploração intensiva e, muitas vezes, desregulada desse crustáceo propiciou não apenas o fortalecimento das atividades pesqueiras, como também fomentou o surgimento de manifestações culturais, sendo a mais conhecida delas a chamada Festa da Lagosta. Tal festividade, instituída em 1968, rapidamente consolidou-se como um dos principais eventos do calendário cultural municipal, promovendo significativo incremento no turismo e na economia da cidade. Durante o evento, que reunia visitantes de todas as regiões do país e até internacionais, eram realizadas celebrações gastronômicas, atividades artísticas e competições populares que reforçavam o vínculo identitário da comunidade com o recurso natural em questão.

Contudo, a ausência de uma política de manejo sustentável e o aumento constante da pressão sobre os estoques naturais da espécie desencadearam sérias preocupações ambientais. A pesca predatória, intensificada pela demanda gerada pelo próprio evento festivo, levou ao declínio acentuado das populações do *Macrobrachium carcinus* nos corpos hídricos da região. Este cenário revela um conflito clássico entre desenvolvimento

econômico e conservação ambiental, exigindo reflexões críticas e ações concretas voltadas à sustentabilidade dos recursos naturais e à manutenção da identidade cultural local.

Dado o exposto, este estudo tem como objetivo analisar a realização da Festa da Lagosta no município de São Fidélis enquanto expressão de pertencimento e construção identitária da comunidade local, a partir da memória da população, bem como investigar seu papel no desenvolvimento socioeconômico da região. Ademais, busca-se compreender de que maneira a referida festividade contribuiu para a exploração e valorização do recurso natural representado pela lagosta, articulando aspectos culturais, econômicos e ambientais.

Para compreender a Festa da Lagosta e ainda conhecer melhor a pesca do camarão de água doce (*Macrobrachium carcinus*), este estudo é de natureza qualitativa, que segundo Marconi e Lakatos (2011), têm por objetivo explorar o conjunto de representações sobre o tema que se pretende investigar. A pesquisa qualitativa tem, portanto, como função principal interpretar o fenômeno que observa. O estudo qualitativo “é o que se desenvolve numa situação natural; é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada” (Marconi; Lakatos, 2011, p. 271).

Como fontes, utilizaram-se: a pesquisa em periódicos e a entrevista. Em seus estudos, Marconi e Lakatos (2011) esclarecem que a pesquisa em periódico tem como finalidade colocar o pesquisador em contato com o que foi produzido. Assim, buscaram-se fontes bibliográficas que abordassem as temáticas: patrimônio cultural (Brasil, 1988); memória (Nora, 1993), as legislações pertinentes, e ainda as publicações em jornais da época que retratavam a Festa da Lagosta. Zanolorenzi (2010, p.61) explica a importância da pesquisa em jornais e revistas:

A relevância dos jornais e revistas, como fonte de pesquisa, relaciona-se com sua especificidade como veículo de circulação de ideias que representavam e ainda podem representar um determinado interesse, sendo este dependente do meio de vida dos homens.

Conforme mencionado, outra fonte utilizada neste estudo é a entrevista que segundo Minayo (2012, p.64),

[...] é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador. Ela tem por objetivo construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e a abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a esse objetivo.

De modo especial, neste trabalho as entrevistas têm por objetivo o acesso à memória, enquanto construção sobre o passado, sendo atualizada e renovada no tempo presente. Segundo Nora (1993), a memória é vivida e transmitida por grupos sociais que compartilham experiências, afetos e identidades. Está ligada à emoção, ao pertencimento e à continuidade simbólica de uma coletividade. A memória é seletiva, marcada por silêncios e lacunas, mas também profundamente significativa, ela dá sentido ao presente por meio da evocação do passado. No caso das festas populares, como a Festa da Lagosta em São Fidélis, a memória se manifesta nas práticas, nos objetos simbólicos, nas narrativas orais e nos rituais coletivos que atualizam o passado como experiência comunitária viva.

Vale ressaltar que os sujeitos participantes desse estudo foram selecionados a partir de uma entrevista com uma informante chave, participante de todas as edições da festividade. Informantes chave são um recurso válido e muito utilizado especialmente em pesquisas de campo, na perspectiva qualitativa. O campo, nesta perspectiva, é percebido como um espaço social e físico cujas fronteiras são definidas a partir de instituições e pessoas em um determinado espaço geográfico. Além disso, a informante chave possui um conhecimento aprofundado sobre o campo e os sujeitos que se pretende pesquisar, favorecendo assim uma melhor compreensão da realidade.

Bisol (2012, p. 722) aponta essa questão afirmando:

Por compartilharem vocabulário, conceitos e vivências, e também por seu conhecimento profundo das normas que regem o funcionamento da comunidade investigada, os informantes-chave poderão se tornar colaboradores especiais da pesquisa: poderão ajudar a formular, expandir ou clarificar as interpretações do pesquisador.

A partir do contato com a informante chave, a escolha dos entrevistados foi sendo guiada visando atender aos objetivos da pesquisa. Sendo assim, a seleção privilegiou pessoas diretamente relacionadas ou participantes da festa. Ao todo, foram realizadas 5 (cinco) entrevistas, cujos nomes dos sujeitos serão mantidos no original, resguardando-se o registro, por parte dos pesquisadores, dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), devidamente assinados e respeitando a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD).

No decorrer do texto, os entrevistados estarão identificados conforme a figura abaixo, que apresenta ainda a relação destes com a festa:

Figura 2 – Identificação dos sujeitos entrevistados



Fonte: autoria própria

Destaca-se que, ao longo das próximas seções, todas as vezes que forem transcritas as falas dos sujeitos entrevistados, estas aparecerão grafadas em “*itálico*” como recurso de ênfase a essas falas.

Por fim, cumpre salientar que este artigo é resultado de pesquisa financiada pelo Projeto de Educação Ambiental (PEA) Pescarte que é uma medida de mitigação exigida pelo Licenciamento Ambiental Federal, conduzido pelo Ibama.

A FESTA DA LAGOSTA: CELEBRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO CULTURAL

A Festa da Lagosta teve início no ano de 1968, sob a coordenação do senhor Aluísio Perlingeiro de Abreu, com apoio de seu irmão, o então prefeito municipal José Perlingeiro de Abreu, do Rotary Clube e ainda da Organização do Desenvolvimento Municipal (Ordem). Todas as edições da festa aconteceram no Horto Municipal, um espaço amplo com variedade de árvores e vegetações.

Foto 1: Jovens fidelenses reunidos no Horto Municipal para a Festa da Lagosta



Fonte: página oficial do grupo “Relembrando o passado de São Fidélis”, disponível em:
<https://www.facebook.com/groups/561339201118316/about>

A ideia do evento surgiu a partir do desejo de fomentar o turismo em São Fidélis, inspirado em festas gastronômicas populares de outras regiões do Brasil, como a festa do camarão no Nordeste. A cidade, na época, possuía abundância de lagostas de água doce (*Macrobrachium carcinus*), o que proporcionou a base material para a proposta. Como destaca:

Glória Tereza: Ele era meu tio, irmão do meu pai, chamava Aluísio Perlingeiro de Abreu. E eles sempre tiveram assim paixão por São Fidélis, né? E querendo desenvolver o turismo, uma vez ele participou de uma festa do camarão, lá no Nordeste. E São Fidélis naquela época tinha muita lagosta. E daí ele teve essa ideia de fazer a festa da lagosta em São Fidélis. Para desenvolver né? O turismo da cidade.

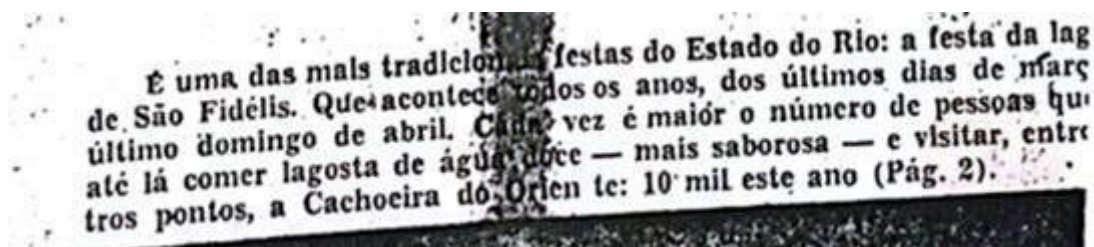
O pescador Domingos José participante de todas as edições da festa relata:

Domingos José: Aloísio Perlingeiro de Abreu nos convidou, os pescadores, convidou para uma reunião. Aloísio falou tem festa do chope, tem festa da uva, porque não pode ter festa da lagosta? Aí começou né? Começou aí.

Essa fala evidencia a visão empreendedora de seus idealizadores, que procuravam alinhar o potencial natural e gastronômico da cidade com práticas culturais já consagradas em outros contextos nacionais, visando consolidar São Fidélis como um destino turístico singular.

O objetivo central da festa era promover o município como ponto de atração turística, aproveitando sua geografia privilegiada, margeada pelo rio Paraíba do Sul e cercada por paisagens naturais exuberantes. Tal intento é corroborado por registros históricos, como a reportagem publicada no jornal “O Globo” em 1972, cujo título “São Fidélis serve lagosta doce a 10 mil convidados” (O Globo, 1972a) evidencia o sucesso e a notoriedade alcançada pelo evento já em seus primeiros anos. A matéria destaca não apenas o aspecto gastronômico da festividade, mas também sua capacidade de atrair milhares de visitantes, demonstrando seu papel como vitrine da cultura local e elemento propulsor do turismo regional. Veja o trecho do jornal:

Foto 2 – Matéria do Jornal “O Globo” (1972)



Fonte: acervo cedido pelo pescador Domingos José

Nesta reportagem, observa-se a intenção de promover a festa como um atrativo turístico, buscando despertar o interesse de visitantes e divulgar a cidade de São Fidélis como destino cultural e gastronômico.

A consolidação da Festa da Lagosta como evento de grande repercussão trouxe impactos significativos para a economia local. O aumento expressivo do fluxo de visitantes favoreceu diretamente o comércio e os serviços, com destaque para bares, restaurantes, hospedagens e pequenos empreendedores. A festa passou a representar um período estratégico para a dinamização econômica da cidade, gerando empregos temporários e ampliando a circulação de recursos financeiros no município. Além disso, criou-se um vínculo simbólico entre a identidade fidelense e a lagosta de água doce, fortalecendo laços comunitários e projetando a imagem da cidade no imaginário turístico-cultural do estado do Rio de Janeiro.

Denise Gaudard: O comércio, né, era muito favorecido, porque o volume de pessoas que chegavam aqui era muito grande.

Domingos José: A festa foi muito importante para comunidade, a nível né, econômico, cultural e turístico. Promoveu a cidade a nível turístico, sendo que na terceira edição da festa, ela foi considerada a terceira maior festa do Brasil, né?

A festividade atraía visitantes de vários lugares do país e até de outros países, oferecendo pratos à base de lagosta, apresentações culturais e concurso para escolha da rainha da festa. A última edição foi datada de 29 de maio de 1988. **Ao longo de 20 anos**, o evento contribuiu para a construção da identidade cultural da cidade, que passou a ser reconhecida como **“Terra da Lagosta”**, conforme atestam os depoimentos dos entrevistados.

Edinéa Maria: A festa acontecia lá no Horto e vinha gente de todo canto do país pra participar. Era uma festa bem famosa, tanto que São Fidélis ficou conhecida como a “Terra da Lagosta”.

Glória Tereza: A gente ia lá para o Horto Municipal era lá que aconteciam as festas. Era muito bom, animado, vinha muita gente de fora e a cidade ficou conhecida, tanto que até hoje falam que São Fidélis é a “Terra da Lagosta”.

O próprio camarão (*Macrobrachium carcinus*) passou a ser também associado ao município de São Fidélis e, assim, conhecido em várias regiões como “lagosta de São Fidélis” e ainda nos dias atuais é chamado assim. Conforme atestam os trabalhos de Holanda (2007, p. 5) “*M. carcinus*, conhecido no Nordeste do Brasil como pitu e em outras regiões como **lagosta de São Fidélis** ou lagostinha do Ribeira, é uma espécie que também atinge um grande tamanho”, e Gomes Junior (2014, p. 14):

No Nordeste do Brasil o *Macrobrachium carcinus* é conhecido como “pitu” e, em outras regiões, como **“lagosta de São Fidelis”** ou “lagostinha do Ribeira” podendo atingir grande tamanho, sendo encontrados exemplares entre 23 e 26,5 cm de comprimento e 250 a 340 g de peso.

Essa associação nominal do *Macrobrachium carcinus* ao município de São Fidélis evidencia a forte ligação simbólica entre a espécie e o território. Algo tão expressivo que se materializou em um espaço físico, através da construção da Praça da Lagosta, datada dos

anos de 1970, em homenagem à pesca da lagosta, com a escultura de um pescador e da lagosta. Essa construção foi símbolo de reconhecimento social e valorização cultural de uma atividade que marcou profundamente a história e a identidade local.

Foto 3: Praça da Lagosta



Fonte: página oficial do grupo “Relembrando o passado de São Fidélis”, disponível em:
<https://www.facebook.com/groups/561339201118316/about>

Essa homenagem concretizou a importância econômica, simbólica e afetiva da lagosta de água doce para a comunidade, celebrando o saber tradicional dos pescadores e a relação da população com o Rio Paraíba do Sul. Mais do que um espaço físico, a praça representou um lugar de memória, onde se inscreveram práticas, narrativas e pertencimentos que consolidaram a identidade fidelense.

No entanto, no ano de 2005, por meio da Lei n.º 1.067, de 27 de julho de 2005 (São Fidélis, 2005), a prefeitura municipal fez a doação da área para construção da sede do Ministério Público em São Fidélis. Essa doação representou uma agressão à memória coletiva da população fidelense e um grave desrespeito à preservação do patrimônio cultural local. A praça simbolizava não apenas a importância da pesca do *Macrobrachium carcinus* para a identidade de São Fidélis, mas também funcionava como um marco material da história e das práticas socioculturais da região. Sua substituição por um equipamento público, sem o devido cuidado com a salvaguarda dos elementos simbólicos ali presentes, evidencia a negligência com a memória comunitária e a fragilidade das políticas de preservação do patrimônio histórico municipal.

Tendo o exposto, ainda que a praça não exista mais assim como a Festa da Lagosta, toda essa história consolidou a importância sociocultural do crustáceo na memória coletiva local. Nesse sentido, percebe-se que as festas tradicionais e os elementos naturais que as compõem atuam como catalisadores na construção da identidade cultural, sendo incorporados às práticas, representações e memórias que moldam o sentimento de pertencimento e tornam-se parte do patrimônio cultural da comunidade.

No que tange à concepção de patrimônio cultural, é importante destacar que a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 216, promoveu uma ampliação significativa do conceito anteriormente estabelecido pelo Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937 (Brasil, 1937).

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (Brasil, 1988).

Essa ampliação substituiu a denominação “Patrimônio Histórico e Artístico” por “Patrimônio Cultural Brasileiro”, incorporando a noção de referência cultural e reconhecendo a legitimidade de bens de natureza imaterial.

Enquanto o Decreto de 1937 definia como patrimônio o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no território nacional, cuja preservação fosse de interesse público, seja por sua relação com fatos históricos relevantes ou por seu valor excepcional nos campos da arqueologia, etnografia, bibliografia ou arte, a Constituição Federal redefine o patrimônio cultural como o conjunto de bens, materiais e imateriais, individual ou coletivamente considerados, que portem referência à identidade, à memória e à atuação dos diversos grupos que compõem a sociedade brasileira.

Nesse novo paradigma, o patrimônio cultural compreende também manifestações simbólicas, como práticas, representações, expressões, saberes e técnicas, juntamente com os instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais a elas associados, que são reconhecidos pelas comunidades, grupos sociais e, por vezes, por indivíduos, como parte integrante de sua herança cultural.

Nesta perspectiva, as festas populares configuram-se como manifestações de significados coletivos e como espaços privilegiados de vivência social. Elas se constituem em objetos relevantes para a análise das formas de apropriação dos espaços urbanos, bem como para a compreensão das práticas culturais e sociais que fundamentam e, simultaneamente, ressignificam as identidades, incorporando novos valores.

Como observa Santana (2009, p. 225/6),

[...] a festa interrompe a seqüência dos dias do cotidiano e proporciona um momento de pausa, que se manifesta de maneira diferenciada em cada sociedade, pois cada uma possui seus próprios símbolos, que são periodicamente festejados. Esses momentos de parada proporcionados pela festa são impregnados de sentidos e significados e, para a sua vivificação e reatualização, são realizados conjuntos de cerimônias e ritos, que acontecem em lugares específicos e em um tempo próprio, estabelecendo, no presente, uma ligação com o passado e, ao mesmo tempo, se apossando de hábitos rotineiros.

Neste sentido, as festividades interrompem a linearidade da vida cotidiana e instauram momentos de suspensão simbólica do tempo ordinário, marcados por sentidos profundos e significações múltiplas. Por meio de conjuntos cerimoniais e rituais, realizados em locais e tempos específicos, as festas estabelecem conexões entre o presente e o passado, ao mesmo tempo em que se apropriam de práticas cotidianas para atualizar e revitalizar a experiência coletiva.

Diante do exposto, a Festa da Lagosta, realizada no município de São Fidélis, configura-se como um exemplo expressivo de manifestação cultural que articula tradições locais, identidade comunitária e dinamização do espaço urbano. Ao celebrar um elemento simbólico da economia e da gastronomia regional, a festa promoveu a valorização do patrimônio cultural, reforçando vínculos sociais e gerando sentidos de pertencimento. Além disso, contribuiu para a economia local por meio do turismo e do desenvolvimento do comércio local, evidenciando a capacidade desses eventos de integrar aspectos culturais, sociais e econômicos na construção e ressignificação das identidades locais.

Assim, é possível compreender a Festa da Lagosta como um verdadeiro “*lugar de memória*” nos termos formulados por Pierre Nora (1993, p. 13), quando este afirma:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais.

Compreende-se que a memória coletiva não se perpetua de forma automática; ela exige mecanismos sociais de preservação, atualização e ritualização. A Festa da Lagosta, nesse contexto, funcionou e funciona como um desses dispositivos construídos para dar permanência ao passado coletivo, transformando as experiências vividas em marcos duradouros de identidade e pertencimento.

Ainda segundo Nora (1993, p.9):

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.

As lembranças e significados são compartilhados e reconstruídos coletivamente, a partir de interações sociais que conferem sentido às experiências vividas. Assim, a Festa da Lagosta não é apenas uma celebração festiva, mas um processo contínuo de elaboração da memória e da identidade local, no qual elementos materiais e imateriais articulam o passado e o presente, reforçando o sentimento de pertencimento e fortalecendo a coesão social da comunidade. Vale destacar que, de modo especial, a memória sobre a Festa da Lagosta em São Fidélis apresenta três pontos convergentes nas falas dos entrevistados: a lagosta, a escolha da rainha da festa e os canecos.

No que tange à lagosta, os entrevistados fazem memória a fartura da espécie encontrada em São Fidélis. A foto a seguir comprova essa questão ao retratar um número expressivo de pescadores na Ponte Metálica em São Fidélis fazendo a pesca artesanal da lagosta, com o puçá. A foto retrata ainda o tamanho das lagostas encontradas.

Foto 4: Pesca artesanal do *Macrobrachium carcinus*



Fonte: página oficial do grupo “Relembrando o passado de São Fidélis”, disponível em:

<https://www.facebook.com/groups/561339201118316/about>

Os entrevistados contam que a lagosta era servida como prato principal e, que além dela, havia outros atrativos gastronômicos como manjuba e diversas bebidas.

Edinéa Maria: *Ah, eu lembro bem! Tinha lagosta pra todo lado, era o destaque da festa, mas não era só isso, não. Tinha tanta comida boa... A gente comia manjubinha. E as bebidas? Era barraca de chope! Era uma época boa demais.*

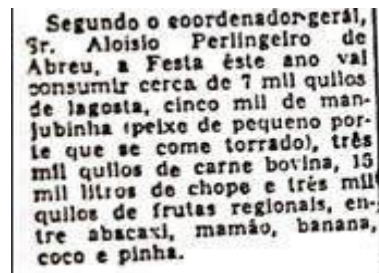
Glória Tereza: *Tinha lagosta à vontade, sim, tinha também manjuba, cachorro quente e chope, era uma festa animada demais.*

Denise Gaudard: *[...] tantas coisas que eles ofereciam para comer, barraca de chope.*

Essas lembranças demonstram como a gastronomia, especialmente a presença marcante da lagosta, desempenhava um papel central na construção da identidade da festa. Mais do que uma celebração, a Festa da Lagosta se firmou como um espaço de convivência e alegria coletiva, onde os sabores e as experiências compartilhadas ajudaram a marcar gerações e a fortalecer os laços da comunidade fidelense.

Mas na festa não era servida só a lagosta; era uma fartura, como afirmam as reportagens da época:

Foto 5: Matéria do Jornal “O Globo” (1972)



Fonte: acervo cedido pelo pescador Domingos José José

Os entrevistados também abordaram essa questão e, dentre as narrativas colhidas, essas entrevistadas narraram com detalhes a abundância do que era servido na festa, conforme relatam Glória Thereza e Denise Gaudard:

Glória Thereza: *Dentro da festa você tinha direito a chope a vontade. A comer a vontade. Você tinha eh, um prato com quatro lagostas, você tinha manjuba, cachorro quente, churrasquinho. Tudo isso, eh.*

Denise Gaudard: *A gente tinha tickets. A gente comprava o caneco e recebia os tickets. Tickets de manjuba, às vezes era mais de um. Ticket de lagosta, é, de chope e tal... mas acontecia de chegar ao fim do dia e sobrar coisa. E eles darem mais. Tamanha fartura.*

Essa abundância também simbolizava a hospitalidade e o orgulho da comunidade em celebrar sua identidade. Contudo, a riqueza da festa não se limitava à gastronomia. Um dos maiores símbolos desse brilho todo era, sem dúvida, o concurso para a escolha da rainha da festa, um momento de destaque aguardado com entusiasmo tanto pela população local quanto pelos visitantes. Assim, a experiência da festa se construía em múltiplas dimensões: o paladar, o espetáculo e o pertencimento.

Foto 6: Concurso da rainha da Festa da Lagosta



Fonte: acervo cedido pelo pescador Domingos José

Desde a primeira edição, o concurso para a rainha da festa esteve envolto em prestígio, sendo a primeira rainha da festa, a senhora Altair Maia, muito estimada pela população local até seu falecimento.

Foto 7: Primeira Rainha da Festa da Lagosta



Fonte: página oficial do grupo “Relembrando o passado de São Fidélis”, disponível em: <https://www.facebook.com/groups/561339201118316/about>

Havia uma pessoa responsável por selecionar as meninas que iriam ser as recepcionistas da Festa da Lagosta. A escolha para ser a rainha da festa acontecia entre essas meninas já previamente selecionadas.

Jumara Félix: *As recepcionistas eram convidadas por dona Nelma e algumas pessoas que ajudavam na organização da festa.*

Foto 8: A senhora Nelma Maia com as recepcionistas da Festa da Lagosta no momento da eleição da rainha da festa em 1974



Fonte: Página oficial do grupo “Relembrando o passado de São Fidélis”, disponível em:
<https://www.facebook.com/groups/561339201118316/about>

Além disso, as recepcionistas da Festa da Lagosta eram tratadas com muito glamour e consideração, o que elevava o prestígio de quem era escolhida para ser a rainha entre essas.

Jumara Félix: *Foi muito divertido ter participado como recepcionista da festa da lagosta e muito mais emocionante por ter sido escolhida como rainha.*

A seleção da rainha era conduzida por um júri cuidadosamente escolhido, composto por jornalistas e personalidades de fora da cidade, o que só aumentava o sentimento de importância do evento. Como comentaram as entrevistadas:

Denise Gaudard: *Era gente importante. Eu tenho foto deles.*

Jumara Félix: *O júri era composto por jornalistas, ninguém da cidade.*

A escolha da rainha da festa seguia um ritual previamente estabelecido e amplamente divulgado por meio da programação oficial do evento. Em data e horário definidos, realizava-se o desfile das candidatas, composto pelas recepcionistas previamente selecionadas. Cada uma delas era chamada nominalmente e realizava uma breve apresentação sobre o palco, diante do público e da comissão julgadora. Ao término do desfile, procedia-se à apuração imediata dos votos, culminando com a coroação da rainha, em um momento de grande simbolismo e expectativa para os participantes e espectadores.

Denise Gaudard: *[...] a gente só desfilava uma vez, era uma vez. O júri estava lá, e a gente lá em cima no palco, ia chamando, a gente ia desfilando, depois voltava lá para o palco. E aí eles já começavam a apuração. Não demoravam, não.*

Foto 9: Desfile na presença do júri, imprensa e da população em geral.



Página oficial do grupo “Relembrando o passado de São Fidélis”, disponível em:
<https://www.facebook.com/groups/561339201118316/about>

A escolha da rainha era, portanto, mais do que uma simples eleição simbólica, era um momento de afirmação da identidade da festa como um evento marcado pela beleza. Jornais e revistas regionais frequentemente destacavam, em suas coberturas, a elegância, o carisma e a aparência das jovens recepcionistas da Festa da Lagosta.

Foto 10: Rainha da 6ª Festa da Lagosta em destaque na capa da revista Única



Fonte: Página oficial do grupo “Relembrando o passado de São Fidélis”, disponível em: <https://www.facebook.com/groups/561339201118316/about>

Essa valorização midiática contribuía para consolidar a festa como um espetáculo de visibilidade social e cultural. A questão da beleza também não se limita às recepcionistas e à rainha da festa, toda a produção do evento visava uma glamorização. A imprensa desempenhava um papel importante nessa atmosfera glamourosa. Um exemplo claro é a matéria publicada no jornal “O Globo”, em 4 de maio de 1972, que traz um destaque sobre a Festa da Lagosta: “Fartura nas mãos e beleza no rosto” (O Globo, 1972b), demonstrando que o evento era retratado como um encontro de exuberância gastronômica e estética.

Foto 11: Matéria do jornal “O Globo” (1972b)



Título da matéria: Festa da Lagosta em São Fidélis: beleza e fartura.

Fonte: acervo cedido pelo pescador Domingos José

Outro elemento que ocupa um lugar especial na memória afetiva dos entrevistados é, sem dúvidas, o conjunto dos canecos utilizados na Festa da Lagosta em São Fidélis sendo lembrados com carinho e certo saudosismo. Mais do que simples objetos utilitários, os canecos simbolizavam a identidade da festa e a participação ativa do público naquele momento de celebração coletiva. Os canecos eram distribuídos como parte do ingresso da festa, assim, ao adquirir a entrada, cada participante recebia automaticamente o caneco daquela edição, conforme atesta a propaganda da festa distribuída na cidade:

Foto 12 – Propaganda da 3ª edição da Festa da Lagosta



Fonte: acervo cedido pelo pescador Domingos José

Na primeira edição da Festa da Lagosta, o caneco oficial do evento foi confeccionado artesanalmente em bambu. Contudo, também foi produzida uma edição limitada do caneco em louça, destinada exclusivamente às autoridades locais e a convidados previamente selecionados. Em relação ao caneco de bambu, não há registros fotográficos

disponíveis; sua existência é conhecida apenas por meio de relatos orais, repassados por moradores e participantes da época.

Domingos José: *Veio o primeiro caneco que foi feito de bambu. O primeiro foi feito de bambu, o segundo já foi de louça.*

Na Biblioteca e Museu Municipal Corina Peixoto de Araújo encontra-se exposta a primeira edição do caneco de louça da Festa da Lagosta.

Foto 13: Caneco da 1ª edição da Festa da Lagosta feito de louça



Fonte: acervo cedido pela Biblioteca e Museu Municipal Corina Peixoto de Araújo.

Além da função prática, utilizados para beber chope, refrigerante ou outras bebidas servidas durante o evento, os canecos tinham também valor simbólico: carregavam estampas com o nome da festa, a data da edição e, às vezes, o brasão ou símbolos da cidade. Eram objetos que ajudavam a criar o clima de pertencimento e de comemoração entre os participantes. Conforme é possível perceber pela foto dos canecos abaixo:

Foto 14: canecos da Festa da Lagosta



Fonte: acervo cedido pela Biblioteca e Museu Municipal Corina Peixoto de Araújo e pela entrevistada Edinéa Maria

As cinco primeiras edições da festa foram organizadas pelo senhor Aluísio Perlingeiro de Abreu e ocorreram, respectivamente, nos anos de 1968, 1969, 1970, 1971 e 1972. Nesse período, observou-se uma padronização estética nos canecos distribuídos, os quais incorporavam de forma sistemática a identificação da edição e a data do evento. Tal escolha gráfica evidencia uma intenção de consolidar uma memória visual e temporal da festividade, reforçando sua continuidade e identidade simbólica ao longo dos anos.

Foto 15: Canecos das festas organizadas por Aluísio Perlingeiro de Abreu



Fonte: acervo cedido pela Biblioteca e Museu Municipal Corina Peixoto de Araújo e pela entrevistada Edinéa Maria

As quatro edições seguintes, nos anos de 1973, 1974, 1975 e 1976, já foram organizadas pelo prefeito da época, o senhor Paulo Ângelo Jasbick, e os canecos — apesar de seguirem a mesma matéria-prima para a confecção — não seguiram o mesmo padrão estético das primeiras edições, conforme se observa:

Foto 16: Canecos das festas organizadas por Paulo Ângelo Jasbick



Fonte: acervo cedido pela entrevistada Edinéa Maria

Entre as edições da festa realizadas pelo prefeito Paulo Ângelo Jasbick, no ano de 1973, foi distribuído entre as famílias colaboradoras do evento, um caneco de tamanho maior que os distribuídos entre os participantes da festa. Os canecos, de modo geral,

possuíam uma altura entre 15 (quinze) centímetros, esse possuía uma altura de 25 (vinte e cinco) centímetros.

Foto 17: Caneco especial



Fonte: acervo cedido pela entrevistada Edinéa Maria.

A décima e última edição ocorreu no ano de 1988, após um intervalo de 12 anos desde a penúltima realização do evento, em 1976. Essa retomada, contudo, não representou uma continuidade plena da tradição, mas foi organizada como uma edição comemorativa, nos moldes de um *remember* das festividades anteriores. A iniciativa partiu da então Secretária Municipal de Cultura e Turismo de São Fidélis, a senhora Rita Maria, sobrinha de Aloísio Perlingeiro de Abreu, o idealizador da festa em sua origem.

Glória Tereza: *E depois em mil novecentos e oitenta e oito no governo de Guilherme de Azevedo, minha irmã que era Secretária de Cultura, Rita Maria de Abreu Maia fez uma recordação da festa né? Que também foi um sucesso.*

Nesse contexto, a edição de 1988 teve como objetivo resgatar, ainda que de forma pontual e simbólica, os elementos culturais e identitários que marcaram as edições passadas, reafirmando a importância da festa na memória coletiva e no imaginário festivo da cidade.

O caneco da 10ª edição também homenageou ao senhor Aloísio Perlingeiro de Abreu, mantendo a estética utilizada nas edições organizadas por ele. Veja:

Foto 18: Caneco da 10ª edição da Festa da Lagosta



Fonte: acervo cedido pela Biblioteca e Museu Municipal Corina Peixoto de Araújo.

A realização de eventos comemorativos como esse pode ser compreendida à luz das reflexões de Nora (1993), segundo as quais práticas de rememoração coletiva sustentam os “lugares de memória”, especialmente em contextos onde as formas tradicionais de celebração se interrompem ou se fragilizam.

Foto 19: 10ª edição da Festa da Lagosta



Fonte: página oficial do grupo “Relembrando o passado de São Fidélis”, disponível em:
<https://www.facebook.com/groups/561339201118316/about>

Na foto, com roupa branca e vermelha e chapéu, são as recepcionistas da festa da edição de 1988. Trata-se, portanto, de uma tentativa de reinscrever na vida pública elementos que pertencem ao patrimônio imaterial da comunidade, ainda que adaptados às novas circunstâncias históricas. Nesse sentido, a edição de 1988 pode ser interpretada como um gesto de salvaguarda simbólica, com vistas à reatualização da memória festiva e à manutenção dos vínculos identitários com o evento.

Tendo o exposto, vale acrescentar que ter um caneco da Festa da Lagosta era como manter parte daquela experiência única em mãos, algo que se levava para casa e que, ao longo dos anos, se tornava parte da memória familiar. Esse objeto simples ajudou a tornar a festa ainda mais marcante, conectando o público ao evento de forma afetiva e concreta.

Ainda hoje, é possível encontrar famílias que guardam esses canecos com carinho, transmitindo-os entre gerações como uma espécie de herança afetiva. Esses objetos tornam-se marcos materiais da memória coletiva, funcionando como dispositivos de evocação de experiências compartilhadas e de reconstrução simbólica do passado. Ao serem preservados ao longo do tempo, os canecos passam a integrar o cotidiano doméstico como testemunhos de um período de intensa mobilização comunitária e celebração cultural.

Essa transmissão intergeracional de objetos-memória contribui significativamente para a continuidade dos vínculos culturais, funcionando como um elo afetivo entre o passado e o presente. De acordo com Nora (1993), esses objetos carregam memórias e são capazes de condensar sentimentos, identidades e temporalidades. A materialidade do caneco, associada à sua estética festiva e ao contexto em que foi adquirido, confere-lhe um status de relíquia simbólica, ressignificando o tempo vivido e fortalecendo os laços identitários com o território e com a comunidade.

Assim, a Festa da Lagosta passou a concentrar um conjunto de símbolos, práticas e objetos que operam como mediadores culturais da memória de São Fidélis. A presença da lagosta, espécie nativa dos rios da região, a escolha da rainha do evento como representação simbólica da beleza, e os canecos comemorativos distribuídos ao público, que se tornam *souvenirs* afetivos e relicários de lembranças, são exemplos de signos carregados de significados.

Tais elementos evocam, simultaneamente, a materialidade da festa e seu valor simbólico no imaginário social da comunidade. Os dispositivos simbólicos da Festa da Lagosta, como os objetos, os ritos e as narrativas transmitidas oralmente, cumprem um papel estruturante na construção e na preservação da memória coletiva, atuando como pontos de ancoragem entre o passado e o presente. Ao articular lembranças individuais com os marcos identitários da coletividade, a festa se consolidou como um espaço privilegiado de reafirmação cultural, onde os sujeitos sociais reconhecem a si mesmos e aos outros como parte de uma história comum.

Dessa forma, mesmo diante da descontinuidade da Festa da Lagosta, a permanência desses artefatos no imaginário popular revela a potência das práticas culturais em resistir ao esquecimento e em consolidar pertencimentos duradouros. Os canecos guardados como

lembranças afetivas, as fotografias antigas das rainhas da festa, as narrativas orais passadas de geração em geração e a memória gustativa da lagosta de água doce tornam-se vestígios simbólicos de uma vivência coletiva que continua a habitar o cotidiano da comunidade. Esses elementos atuam como repositórios de memória, capazes de manter viva a significação da festa mesmo quando sua realização material é interrompida.

Nesse sentido, conforme argumenta Nora (1993), a memória se expressa não apenas na continuidade factual dos eventos, mas, sobretudo, na persistência de seus sentidos no plano simbólico e afetivo. Trata-se de uma “memória-lugar”, que sobrevive por meio da repetição cultural, da evocação afetiva e da ancoragem em objetos que funcionam como gatilhos emocionais e identitários. A festa, mesmo ausente fisicamente, continua presente nos discursos, nas lembranças e nas práticas culturais do município, reiterando a centralidade da cultura na construção de pertencimentos duradouros.

A memória da Festa da Lagosta, portanto, ultrapassa sua materialidade e se projeta como uma herança simbólica, continuamente ativada por meio de afetos, objetos e narrativas que mantêm viva a identidade cultural de São Fidélis.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESPÉCIE E CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS

Segundo Valenti (1996), embora o *Macrobrachium carcinus* seja um camarão de água doce, evolutivamente apresenta maior semelhança com as lagostas marinhas, compartilhando várias afinidades morfológicas e comportamentais, sobretudo nos hábitos reprodutivos. Ambas pertencem à subordem *Pleocyemata*, caracterizada pelo fato de as fêmeas incubarem os ovos aderidos às estruturas natatórias (pleópodes) até a eclosão das larvas.

O *Macrobrachium carcinus*, popularmente conhecido como pitu ou "lagosta de São Fidélis", é uma espécie de grande porte, podendo atingir mais de 25 cm de comprimento corporal. Possui coloração do cefalotórax e das patas posteriores mais escurecidas. As pinças são muito desenvolvidas, o que contribui para sua identificação e comercialização. A espécie possui elevada fecundidade, mas o longo período de incubação e desenvolvimento larval compromete significativamente a taxa de sobrevivência em ambientes controlados (Pinheiro e Boos, 2016).

Foto 20: Domingos José segurando *Macrobrachium carcinus*



Fonte: acervo cedido pelo pescador Domingos José

Segundo estudos ecológicos sobre a espécie, o *Macrobrachium carcinus* habita águas doces e salobras, sendo encontrado em rios, lagos, represas, pântanos e estuários. Sua distribuição está associada à presença de substratos como pedras, troncos e vegetação aquática, nos quais os indivíduos se refugiam. Apresenta comportamento bentônico, caminhando sobre o substrato, mas também possui capacidade natatória (Soares, 1956).

Em São Fidélis, esse crustáceo é encontrado no Rio Paraíba do Sul, um dos mais relevantes cursos d'água da região sudeste do Brasil, cuja bacia hidrográfica é densamente povoada e abrange três estados: São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

A interação entre a população fidelense e os ecossistemas aquáticos do Rio Paraíba do Sul não se limita ao uso econômico dos recursos hídricos, mas está profundamente enraizada na identidade cultural, nas práticas tradicionais de subsistência e no conhecimento ecológico local. A pesca artesanal do *Macrobrachium carcinus*, por exemplo, não é apenas uma atividade econômica, mas também um elemento simbólico de pertencimento e saber comunitário.

Conforme discutido entre as décadas de 1960 até 1980, o *Macrobrachium carcinus* ocupou papel de destaque na dinâmica sociocultural do município de São Fidélis, especialmente por meio da realização da tradicional Festa da Lagosta. Esse evento, de grande relevância simbólica e social, consolidou-se como um marco na história local, promovendo a valorização das práticas pesqueiras artesanais e reforçando os laços comunitários em torno do Rio Paraíba do Sul. Embora sua última edição tenha ocorrido há

mais de três décadas, a festividade permanece viva na memória coletiva dos fidelenses, sendo constantemente evocada como expressão da identidade local.

Um fator mencionado sobre a causa do encerramento da Festa da Lagosta esteve ligado à disputa pelo controle político da festa, conforme atestam (a) a matéria do jornal “O Fluminense” (1973) intitulada “Luta política de famílias da cidade”, retratando a disputa pelo controle e promoção do evento; (b) a matéria do jornal “Estado do Rio de Janeiro (1977) intitulada “Prefeitura contra a vontade de Aloísio Perlingeiro de Abreu”, destacando que o então prefeito Paulo Ângelo Jabisk encontrado-se em luta judicial para que a prefeitura fosse a responsável pela festa; e ainda (c) a fala de uma das entrevistadas que afirma:

***Glória Tereza** Era uma festa linda e eles chegaram a fazer cinco festas e depois por ele, tio Aloísio, não ter patenteado a festa como dele né? Como ele o criador da festa, a prefeitura começou a usar a ideia dele, mas deu errado porque misturou política e aí acabou com a festa da lagosta né?*

No entanto, um elemento recorrente nas narrativas é a perceptível diminuição das populações da lagosta no Rio Paraíba do Sul ao longo dos anos, o que comprometeu a viabilidade da pesca artesanal e, conseqüentemente, a continuidade da festa. Essa diminuição esteve associada à poluição do Rio Paraíba do Sul, conforme atesta:

***Domingos José:** O fundo dos rios era remexido com produtos químicos em virtude das barcas que faziam garimpo, obrigando os crustáceos a procurarem outro habitat.*

Em um levantamento realizado pelo Observatório Socioambiental da Bacia do Paraíba do Sul (OSBPS, 2021), verificou-se que mais de 65% dos pescadores artesanais relataram redução drástica no volume de captura de camarões de água doce nas últimas décadas, associando esse declínio a alterações no regime hidrológico e à perda de áreas de vegetação ciliar.

Estudos realizados por Souza *et al.* (2015) indicam que a população de *Macrobrachium carcinus* no trecho fluminense do Rio Paraíba do Sul sofreu uma redução de aproximadamente 70% entre os anos de 1990 e 2010, com impacto direto na renda de pescadores locais. Esses dados são corroborados por levantamentos do Ibama (2018), que identificaram uma queda significativa na captura da espécie, passando de uma média de 35 kg/mês por pescador em 1995 para apenas 10 kg/mês em 2015.

Segundo Rios *et. al.* (2024), os fatores que explicam esse declínio do *Macrobrachium carcinus* são numerosos e interconectados. Entre os principais, destacam-se a degradação dos habitats naturais, sobretudo devido ao desmatamento das matas ciliares, a poluição dos corpos hídricos por esgoto doméstico e efluentes industriais, e a construção de barragens e outros empreendimentos hidrelétricos. Esses impactos comprometem a conectividade dos habitats aquáticos, essencial para o ciclo de vida da lagosta, que exige livre migração entre trechos fluviais e águas salobras para reprodução.

A esses fatores soma-se a pesca predatória, caracterizada pela captura de indivíduos juvenis, contribuindo fortemente para o esgotamento populacional da espécie. Segundo Diegues (2000), tais práticas insustentáveis em comunidades pesqueiras tradicionais decorrem frequentemente da ausência de alternativas econômicas viáveis, resultando em um ciclo de empobrecimento social e ambiental.

De maneira particular no município de São Fidélis, a escassez da lagosta foi agravada não apenas pelos fatores ambientais e ecológicos já mencionados, como a degradação dos habitats aquáticos e a poluição dos corpos d'água, mas também, de forma significativa, pela intensa exploração desse recurso natural em razão da tradicional Festa da Lagosta. Conforme atestado pelos relatos dos entrevistados:

Domingos José: [...] só que quando era capturada a lagosta era dentro da época da desova. Toda festa era capturada dentro da época da desova. Que era a época de abundância. Pescávamos, fazíamos a festa na época que estava em cima do pico da desova, então foi o que aconteceu, a lagosta foi praticamente quase a extinção. **Denise Gaudard:** A lagosta era fácil de achar, tinha demais nos rios daqui. Mas depois de tantos anos tirando pra festa e sem cuidado com o rio, foi acabando. Hoje em dia, quase não se vê mais.

A demanda provocada pelo evento gerava uma pressão excessiva sobre os estoques naturais da lagosta, comprometendo sua reprodução e sustentabilidade, em longo prazo.

Vale registrar que a promulgação da Lei nº 7.679, em 23 de novembro de 1988 (Brasil, 1988b), que dispõe sobre a proibição da pesca de espécies em períodos de reprodução e a proteção de recursos pesqueiros nativos, representou um avanço na legislação ambiental brasileira. No entanto, para o município de São Fidélis, essa medida chegou tardiamente. Àquela altura, a intensa e prolongada exploração da lagosta já havia provocado um declínio crítico das populações naturais da espécie nos corpos d'água da região.

Assim, a Festa da Lagosta, embora representasse um importante marco de identidade cultural e um atrativo turístico de grande relevância para a economia local, acabou por entrar em conflito direto com os princípios da conservação ambiental. Em virtude desses impactos negativos, e da crescente conscientização sobre a importância da preservação dos recursos naturais, a Festa da Lagosta deixou de ser mantida no calendário oficial de eventos do município. Esse caso ilustra de maneira clara a necessidade de se estabelecer um equilíbrio entre a valorização das manifestações culturais e o respeito às diretrizes ambientais.

Em uma iniciativa voltada à preservação da lagosta de água doce, o pescador Domingos José, juntamente com seu companheiro Juacir e outros colaboradores, desenvolveu, por meio da Colônia de Pescadores Z-21 de São Fidélis, o projeto intitulado “Faça Viver essa Ideia. Salve a Lagosta”. A proposta teve como principal objetivo promover a conscientização ambiental, sobretudo entre os próprios pescadores, enfatizando a importância de práticas sustentáveis na atividade pesqueira. Um dos focos centrais da campanha consistia em desestimular a captura de fêmeas ovadas, reconhecendo que essa prática compromete diretamente a reprodução natural da espécie e, consequentemente, sua conservação no ecossistema fluvial.

Foto 21: Pescadores Domingos José e Juacir com a lagosta



Fonte: acervo cedido pelo pescador Domingos José.

Essa ação comunitária reflete um movimento de base que articula saberes tradicionais e preocupação ecológica. Conforme destaca Diegues (2000), iniciativas como essas demonstram que as comunidades tradicionais, longe de serem apenas usuárias dos recursos naturais, podem desempenhar papel ativo e estratégico na formulação de

alternativas de manejo ambiental participativo, contribuindo para políticas de conservação mais eficazes e socialmente justas.

A relevância do projeto “Faça Viver essa Ideia. Salve a Lagosta” reside não apenas em seu caráter educativo e mobilizador, mas também na sua inserção dentro de um contexto mais amplo de construção de cidadania ambiental. Ao promover a valorização de práticas sustentáveis no uso dos recursos pesqueiros, a iniciativa reforça a noção de que a conservação ambiental não deve ser pensada exclusivamente a partir das grandes estruturas institucionais, mas também a partir de ações locais que reconhecem o território como espaço de memória, pertencimento e responsabilidade coletiva.

Em síntese, a experiência da Festa da Lagosta em São Fidélis expressa a tensão entre a valorização do patrimônio cultural e os desafios impostos pela conservação ambiental em contextos locais. O percurso histórico do evento, inicialmente concebido como estratégia de fomento ao turismo e fortalecimento da identidade regional, acabou por revelar os riscos da exploração intensiva de recursos naturais sem a devida consideração às dinâmicas ecológicas que sustentam sua existência.

A progressiva escassez do *Macrobrachium carcinus*, diretamente associada a práticas extrativistas predatórias e à degradação dos ecossistemas aquáticos, impôs limites à continuidade da festa e suscitou reflexões críticas acerca da sustentabilidade de manifestações tradicionais. Nesse contexto, a criação do projeto “Faça Viver essa Ideia. Salve a Lagosta” surge como uma resposta coletiva articulada por agentes locais — em especial os pescadores artesanais — e configura-se como uma forma de resistência e reinvenção das práticas culturais à luz das exigências contemporâneas de preservação ambiental. Tal iniciativa, ao conjugar saberes tradicionais, protagonismo comunitário e engajamento socioambiental, aponta para a importância de modelos participativos de gestão dos recursos naturais, nos quais o território é concebido não apenas como espaço de uso, mas como locus simbólico de memória, identidade e responsabilidade coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da Festa da Lagosta, realizada entre as décadas de 1960 e 1980, revela uma complexa articulação entre patrimônio cultural, identidade coletiva e uso dos recursos naturais. Este estudo demonstrou que a festividade não se limitava a uma celebração recreativa, mas constituía-se como um espaço simbólico de afirmação de pertencimento, sociabilidade e valorização dos saberes locais, ao mesmo tempo em que impulsionava o

turismo e a economia municipal. A construção social em torno da lagosta fortaleceu os laços afetivos e a memória coletiva da população fidelense, fazendo com que a cidade fosse reconhecida como a "Terra da Lagosta".

Mesmo entre as gerações mais jovens que não chegaram a vivenciar diretamente a festa, observa-se uma forte identificação simbólica e afetiva com o evento, evidenciando a profundidade dessa história na mentalidade coletiva fidelense. Narrativas transmitidas oralmente, registros fotográficos e relatos familiares mantêm viva a memória da festa, funcionando como elementos estruturantes da identidade local. Isso evidencia o papel da memória social na perpetuação de sentidos culturais.

Entretanto, os benefícios socioculturais e econômicos gerados pela festa coexistiram com práticas ambientais insustentáveis, evidenciando a ausência de uma política eficaz de manejo dos recursos naturais. A intensa exploração do *Macrobrachium carcinus*, somada à degradação dos ecossistemas aquáticos e à falta de conscientização quanto à sazonalidade reprodutiva da espécie, contribuiu significativamente para o declínio populacional desse crustáceo no Rio Paraíba do Sul. Como apontado pelos entrevistados e corroborado por estudos ambientais, essa redução não apenas inviabilizou a continuidade da festividade, mas também afetou diretamente a pesca artesanal, indicando um claro conflito socioambiental. Do ponto de vista acadêmico, este caso ilustra a relevância de se compreender as festas populares como elementos centrais na produção e reprodução das identidades culturais, mas também como fenômenos que podem gerar impactos ambientais significativos quando desconectados de políticas públicas de sustentabilidade. A Festa da Lagosta é, portanto, um exemplo de como manifestações culturais e recursos naturais estão intrinsecamente ligados, exigindo abordagens interdisciplinares que considerem simultaneamente as dimensões simbólicas, econômicas e ecológicas do território.

Dessa forma, reforça-se a necessidade de se repensar a relação entre cultura e natureza na gestão do patrimônio cultural brasileiro. A valorização de práticas culturais tradicionais deve estar acompanhada por estratégias de conservação ambiental e educação patrimonial, de modo a garantir não apenas a preservação da biodiversidade, como também a continuidade de manifestações que são fundamentais para a identidade de inúmeras comunidades.

REFERÊNCIAS

- BISOL, Claudia Alquati. (2012). Estratégias de pesquisa em contextos de diversidade cultural: entrevistas de listagem livre, entrevistas com informantes-chave e grupos focais. *Estudos de Psicologia*, v. 29, supl., p. 719s-726s, out./dez. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/YVK8vN6zrs86PSDHpyvnnh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 out. 2021.
- BRASIL. (1937). Decreto-Lei n.º 25, de 30 de novembro de 1937. *Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional*. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1937. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm. Acesso em: 17 maio 2025.
- BRASIL. (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 16 jun. 2025.
- BRASIL. (1988b). Lei n. 7.679, de 23 de novembro de 1988. Dispõe sobre a proibição da pesca de espécies em períodos de reprodução e dá outras providências. Brasília: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L7679.htm. Acesso em: 16 jun. 2025.
- DIEGUES, Antonio Carlos. (2000) *Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza*. São Paulo: HUTEC; NUPAUB/USP.
- ESTADO DO RIO DE JANEIRO. (1977). *Prefeitura contra a vontade de Aloísio Perlingeiro de Abreu*. Rio de Janeiro, 2 set. 1977.
- GOMES JÚNIOR, Rivaldo Siqueira. (2014). *Toxicidade aguda da amônia e nitrito em larvas de pitu Macrobrachium carcinus (Linnaeus, 1758)*. 2014. 61 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. Disponível em: https://ww2.pgpa.ufrpe.br/sites/default/files/testes-dissertacoes/rsiqueira_2014.pdf. Acesso em: 08 maio 2025.
- HOLANDA, Welliana Silva Sampaio de. (2007). *Acompanhamento da lavircultura do camarão pitu, Macrobrachium carcinus, no Centro de Pesquisas em Carcinicultura do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências Agrárias, Curso de Engenharia de Pesca. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/39389>. Acesso em: 18 maio 2025.
- IBAMA. (2018). *Relatório de atividades de monitoramento da pesca artesanal*. Brasília: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.
- IBGE. (2022). *Censo Demográfico 2022: resultados preliminares – São Fidélis (RJ)*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 18 maio 2025.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. (2011). *Fundamentos da metodologia científica*. São Paulo: Atlas.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. (2012). Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: LESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 31. ed. Petrópolis: Vozes, p. 61-78.

- NORA, Pierre. (1993). Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28.
- O FLUMINENSE. (1973). *Luta política de famílias da cidade*. Niterói: jornal O Fluminense.
- O GLOBO. (1972a). *São Fidélis serve lagosta doce a 10 mil convidados*. Rio de Janeiro: O Globo, 15 julho 1972, p.2.
- O GLOBO. (1972b). *Festa da Lagosta em São Fidélis: beleza e fartura*. Rio de Janeiro: O Globo, 4 maio 1972.
- OSBPS. (2021). *Relatório anual de atividades*. Observatório Socioambiental da Bacia do Paraíba do Sul. (2021). *Relatório anual de atividades*. Resende: Universidade Federal Fluminense.
- PINHEIRO, Marcelo; BOOS, Harry. (2016). *Livro vermelho dos crustáceos do Brasil: avaliação 2010-2014*. Porto Alegre, RS: Sociedade Brasileira de Carcinologia. Disponível em: <https://www.crusta.com.br/biblio/03.e-books/02-Livro-Vermelho-dos-Crustaceos-do-Brasil-Avaliacao-2010-2014.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- RIOS, B.; BATISTA, P. F. da S.; CRYSTELLO, D. C. B. (2024). Impactos da poluição e alteração de habitat em ecossistemas de água doce: uma revisão bibliográfica. *Caderno Pedagógico*, v. 21, n. 8, e6568. Disponível em: <https://doi.org/10.54033/cadpedv21n8-086>. Acesso em: 8 de abril de 2025.
- SANTANA, Mariely Cabral de. (2009). *Alma e festa de uma cidade: devoção e construção da Colina do Bonfim*. Salvador: ADUFBA.
- SÃO FIDÉLIS. (2005). Lei n.º 1.067, de 27 de julho de 2005. *Dispõe sobre a desafetação e doação de área*. São Fidélis, RJ: Prefeitura Municipal. Disponível em: <https://www.saofidelis.rj.leg.br/leis/legislacao-municipal/legislacao-2005/lei-no-1067-2005-2013-desafetacao-e-doacao-de-area-2013-min-publico.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- SOARES, Léo de Oliveira. (1956). Observações ecológicas e aquarioróticas de *Macrobrachium carcinus* (L.), pitú da família Palaemonidae (Crustacea). *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro, v. 54, n. 3, dez. 1956. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0074-02761956000300005>. Acesso em: 17 maio 2025.
- SOUZA, M. C. et al. Avaliação populacional de crustáceos decápodes na Bacia do Paraíba do Sul. (2015). *Revista Brasileira de Recursos Hídricos*, v. 20, n. 1, p. 113-125.
- VALENTI, Wagner Cotroni. (1996). *Carcinicultura de água doce: tecnologia para produção de camarões*. Jaboticabal: FUNEP.
- ZANLORENZI, Claudia Maria Petchak. (2010). História da educação, fontes e a imprensa. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n. 40, p. 60-71, dez. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639806/7369>. Acesso em: 10 jun. 2025.

Clarissa Menezes de Souza Poubel

Doutora em Políticas Sociais, pesquisadora do Projeto de Educação Ambiental Pescarte.

Leandro Garcia Pinho

Doutor em Ciência da Religião, professor Associado do Laboratório de Estudos da Educação e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf).

Celso Gomes Maia Junior

Graduado em Pedagogia e em Artes Visuais, especialista em Psicopedagogia e Pedagogia Empresarial; Neuropsicopedagogia e Educação Especial Inclusiva; Gestão Escolar: Orientação e Supervisão; e em Inspeção Escolar.

Pedro Silva Goudard Cruz

Licenciado em Letras (Português e literaturas), professor das redes municipais de ensino de São Fidélis (RJ) e Quissamã (RJ).